

PULSÕES E SUAS MODULAÇÕES

Waldir BEIVIDAS (Universidade Federal do Rio de Janeiro)
Tiago RAVANELLO (Universidade Federal do Rio de Janeiro)

ABSTRACT: *This work represents an intention to offer theoretical bases to research the possibilities of mutual contributions between Semiotics and Psychoanalysis about the passion's theme under influence of freudian's drive conception. In this way, we search to establish epistemological impasses included in the effort to approach drive's concept inside language frontiers.*

KEYWORDS: *Drive; Passion; Semiotics; Psychoanalysis; Epistemology.*

0. Introdução

Durante nosso trabalho de pesquisa na interface entre psicanálise e semiótica, um dado vem nos intrigando: a pouca penetração da reflexão psicanalítica – de seus conceitos maiores (inconsciente, pulsão, sexualidade) como também dos *fenômenos* que ela reputa como pregnantes na fala dos pacientes (transferência, recalque, sublimação, atos falhos...) – no ambiente da pesquisa semiótica. Salvo algumas páginas do *Sémantique structurale* de Greimas, a bem dizer, bastante críticas quanto ao campo vizinho¹, as demais produções, sem nada querer subestimá-las, sempre foram bastante curtas e pontuais. Não cabe aqui elencá-las, mas tentar ver as possíveis razões desse evitamento e, se não legítimo, tentar reverter a situação. A reversão é, a nosso ver, não apenas *benéfica* ao campo semiótico, mas também *necessária*.

Benéfica porque poderia acolher inúmeros dados estruturais de discurso (do paciente), elaborados num contexto enunciativo de singular expressão, isto é, em que o paciente não apenas *diz* sobre seu sofrimento (ou gozo), mas, sobretudo, *sofre o que diz* dele, isto é, engaja imediatamente seu *corpo-próprio* nessa operação enunciativa. Tanto mais que esse *corpo* vem sendo o *locus* privilegiado de indagações semióticas atuais para ancorar a emergência inaugural do sentido. É difícil pensar numa teoria geral da enunciação dos discursos ‘hipostasiada’ – no sentido: atribuir abusivamente fator absoluto a dado apenas relativo – apenas nos discursos em que os enunciados se apresentam mais «estabilizados», o texto literário, cinematográfico, poético,

publicitário, por importantes que sejam, e o são, deixando de lado as hesitações, os soluços, a fala entrecortada de choro, a gaguez pontual. Numa palavra, o sujeito « inquieto » da enunciação precisa ser interceptado e interpretado também no próprio ato das suas inquietudes.

E não precisa ser diretamente na horizontal do divã. Desde seu fundador, e sobretudo com ele, a psicanálise se posicionou para ser, primeiramente, uma teoria alternativa do psiquismo humano, rival e no rol das psicologias e da filosofia e, 'secundariamente', se se pode dizer, uma clínica direta do sofrimento neurótico: « sabeis quizá que nunca he sido um entusiasta de la terapia » teria dito Freud, numa de suas últimas famosas "Novas lições de psicanálise" (1932/1973: 3187). Então não se pede que o semiótico tenha de prestar contas e serviços clínicos, mas sim de sensibilizar-se perante as inflexões que a psicanálise lhe pode propiciar. Numa expressão abreviada, diria que, ao *coração fundo da razão* discursiva, o semiótico tem de agregar as *razões fundas do coração*. Esse o lado benéfico da *coisa freudiana*.

Mas a reversão desse evitamento da psicanálise é também necessária. Se podemos dizer que haja um imperativo ao semiótico, este poderia ser assim enunciado: « onde quer que haja sentido, lá o semiótico deverá chegar » (para espelhá-lo à frase freudiana – *Wo es war, soll ich werden* – alçada a aforismo diretivo da psicanálise por Lacan, aproximadamente: « onde *isso* (id) era, lá deverei eu chegar »). Por esse imperativo não podemos deixar escapar o que acontece com o sentido, e sob a forte coerção que lhe impõe, na região que o médico vienense teorizou como os destinos da *pulsão*. A região pulsional é uma fronteira praticamente virgem de estudos semióticos. É aqui que mais nos intriga a evitação semiótica. E é para defender o ingresso desse conceito, com tudo o que decorre desse *ponto de vista erógeno* sobre o discurso, que o presente artigo se esforça em buscar sua legitimidade teórica no campo da semiótica

A primeira indagação que ocorre é a seguinte: se tal conceito é tão central num campo como o da psicanálise, como de fato o é, a ponto de ser aí considerado em consenso como o ápice dos estudos *metapsicológicos* – espécie de teorização « dura » do psiquismo, como o dizemos por relação às ciências mais fundamentais da matéria (física, química) – por que ele nunca teve alguma entrada mais refletida por parte dos estudos semióticos? Aqui abrem-se, para nossa vista, algumas impressões que têm mais caráter de suspeitas ou desconfiças do que de algo demonstrável ou sabível.

De caráter episódico e contingencial, um dos primeiros estudos que se proporia de interface entre a semiótica, a antropologia e a psicanálise, nos anos 60 do século passado, impulsionado pelo próprio Greimas, foi interrompido e abortado subitamente pela tragédia pessoal de seu encarregado, Lucien Sebag, aluno de Lévi-Strauss, em tese

de doutoramento com Greimas, e em análise clínica com Lacan: suicidou-se em princípios do ano 1965. Greimas jamais perdoou a Lacan por não tê-lo evitado. Tivesse havido esse estudo, talvez hoje a própria semiótica (bem como a psicanálise) poderiam ter outro rosto, outra roupa, melhor ou pior não vem ao caso, simplesmente outra, certamente mais permeável à coisa freudiana.

Mas é para a segunda impressão que queremos chamar a atenção, porque não episódica e sim de fundamento. A partir de Greimas e seu *Semântica estrutural* herdamos, via de regra, como metodologia, considerar *não pertinente* o conceito de inconsciente:

Desde Saussure e sua concepção de estrutura significante (subscrevemos inteiramente o que Merleau-Ponty diz sobre esse assunto), a categoria dicotômica da consciência opondo-se ao inconsciente não é mais pertinente nas ciências do homem, e seguimos, pessoalmente, com muito interesse os esforços de um Lacan que busca substituí-lo pelo conceito de assunção. (Greimas, 1966: 190).³

Poderia isso ser uma barreira definitiva frente ao campo psicanalítico? A resposta não pode ser direta e curta. O próprio Greimas reconhece em outro lugar que a conceptualização psicanalítica, sob a capa um tanto metafórica da formulação energética, pulsional, se assenta, “em grande medida, sobre a busca de um modelo actancial, capaz de dar conta do comportamento humano” (1966: 186). E, de fato, tudo o que a psicanálise reivindica como inconsciente, na leitura semióticas que nos permitimos efetuar, é nada mais do que: (a) uma estrutura actancial composta de diferentes “instâncias” do sujeito (id, ego, superego) frente aos outros sujeitos – estes sincretizados no que, com Lacan, poderíamos concordar como sendo o (grande) Outro. Freud chama de “tópica” ao inconsciente disputado nessas três instâncias actanciais, atorializadas num só sujeito; (b) por sua vez, o trânsito truncado de informações, valores, afetos, sensibilizações, não apenas com os actantes-outros-atores, mas interactancial e intra-atorial (o sujeito em luta com suas próprias pressões e coerções pulsionais) montariam um dinamismo *polêmico-contratual* fazendo resultar os fenômenos intervinientes: recalque, denegação, sublimação, etc. A isso Freud nomeia a *dinâmica* do inconsciente; (c) por fim, tudo isso vem fartamente investido da *energia pulsional*, cujo caráter “metafórico” como o entende Greimas, ou não, como entendem outros, constitui o que o vienense denominava o fator *econômico*, ou economia psíquica, e que, segundo a perspectiva em que nos colocamos, pode ser legitimamente descrita como a *tensividade pulsional*.

Numa fórmula extremamente resumida, o que se nomeia como inconsciente em psicanálise, poderia ser traduzido como uma “isotopia” do discurso, em semiótica, mormente aquela atinente aos traços de discurso mais amarrados ao corpo, na forma de sintomas, de sofrimento, de gozo. Numa palavra, o inconsciente é uma *isotopia pulsional* do discurso. O desafio é interceptar e descrevê-la *nesse estatuto* e em suas especificidades, ou, dito de outro modo, numa formulação exemplar do Lacan ainda estruturalista, descrever “a face recusada que o sentido oferece do lado do significado” (1964/65: 8-9). Então, a primeira tarefa é semiotizar a pulsão, visto que, em psicanálise, situa-se numa franja muito estreita, no limiar da pura *cifra quantitativa* de energia do corpo e da primeira *somação qualitativa* requerida como trabalho do psíquico.

1. Pulsão e sua semiotização

O conceito de pulsão se presta a mal entendidos. A primeira dificuldade é demonstrar sua legitimidade teórica. Os detratores mais ostensivos de Freud ou de sua psicanálise consideram-no pura invenção especulativa do médico vienense. Espécie de lugar mítico que, no que teria de salvável, poderia ser comodamente evitado com o conceito de *instinto*. O psicanalista protesta dizendo que isso lhe retiraria o que de mais singular exige: o estatuto erógeno. E qual seria uma razão suficiente para deixar de operar com esse conceito e preferir o de instinto, de emoção, sentimento, afeto, ou paixão? Por que esses têm trânsito liberado em nossas indagações e estudos, em detrimento daquele de pulsão? Duvidaríamos da *existência* da pulsão, portanto catalogada como pura invenção mesmo do delirante vienense? Por certo, defendemos que a aposta teórica no conceito não pode prescindir de uma consideração preliminar de suas implicações epistemológicas.

Seguindo esta abordagem, buscamos destacar o modo como o conceito de pulsão encontra-se na obra de Freud, em constante tensão entre duas miradas: uma vertente energética compreendida como essência inapreensível e de impossível demonstração, derivada de quantidades psíquicas – vertente esta que a aproxima dos conceitos de afeto, quota de afeto e instinto – e uma abordagem mais fortemente vinculada ao campo da linguagem – através da qual se irmana com as concepções de emoção, sentimento e paixão. Assim sendo, a viabilidade de semiotização do *conceito fundamental* psicanalítico (*Grundbegriff*, nas palavras de Freud) deve passar pela revisão das condições de surgimento do conceito e pela revisão de suas conseqüências teórico-práticas. O trabalho de pesquisa ainda em andamento então se desdobra em dois momentos: (1) problematizar a forma de abordagem segundo a qual a pulsão é encarada como mera representação de quantidades enraizadas no corpo e a conseqüente perda da

especificidade psicanalítica enquanto projeto atrelado à abordagem da linguagem e (2) pesquisar os aspectos segundo os quais poderíamos delimitar a pulsão enquanto fenômeno próprio ao campo da linguagem. Devido à complexidade do problema e ao estágio em que se encontra o diálogo entre semiótica e psicanálise, somos forçados a apresentar mais questões a serem discutidas do que propriamente resultados de pesquisa.

A fim de tornar visível a tensão entre aspectos energéticos e lingüísticos presente na gênese do conceito de pulsão, teceremos algumas considerações acerca dos casos clínicos referentes à obra *Estudos sobre Histeria*. Escrita em 1893 por Freud e Joseph Breuer, os *Estudos* são exemplares do movimento freudiano de construção teórica visando uma compreensão do psiquismo. Segundo Sulloway:

As hipóteses teóricas gerais que sustentam esse modelo clínico eram na maior parte psicofísicas. Isso quer dizer que, segundo esse modelo, o espírito humano trabalha em virtude de “forças” e de “energias” mentais que seguem esquemas de investimento e de deslocamento análogos aos que se encontra numa montagem elétrica complicada. (Sulloway, 1998: 55).

Se, por um lado, a teorização nos primórdios da psicanálise responde ao modelo epistemológico das ciências naturais, em especial da psicofísica, por outro, é notável o modo como o objeto que os *Estudos* visam cercar foge dos padrões do modelo. A tensão, assim entendida, se dá como embate entre um imperativo epistemológico de explicação pela suposição de base de quantidades psíquicas, às quais se devem reduzir os eventos clínicos, e os dados derivados da fala de seus pacientes. O costume dentre psicanalistas de atribuir a paternidade da psicanálise a Freud em conjunto com as primeiras histéricas, que foram alvo de sua atenção, não deixa de ter seu fundo de verdade. Para os objetivos desse texto, ressaltamos que são delas as primeiras tentativas de colocar limites ao movimento de explicação reducionista. Como relata Freud, em relação ao caso Emmy von N., dela parte a reprimenda: “Disse-me então, num claro tom de queixa, que eu não devia continuar a perguntar-lhe de onde provinha isso ou aquilo, mas que a deixasse contar-me o que tinha a dizer.” (Freud, 1893/1996: 95). Estavam, assim, abertas as portas para o campo da linguagem na pesquisa psicanalítica.

De afeições “delicadas e marcantes” (Freud, 1893/1996: 82) e, sobretudo, com “grau inusitado de instrução e inteligência” (p. 83), Emmy pode ser considerada cúmplice da transição freudiana da medicina, em especial da neurologia, à psicanálise. Sua internação não havia sido de forma alguma despropositada: além de

comportamentos compulsivos, apresentava fobias de animais, “medo de estranhos e pessoas em geral” (p. 117), sofria de depressão, insônia e dores físicas intensas (p. 84). Por sua singularidade, um sintoma chamou a atenção de Freud: a produção de um estalido involuntário com a língua repetidas vezes, tal qual um tique nervoso. Haja vista o grau de sofrimento envolvido na rotina de Emmy, Freud imediatamente dá início ao tratamento visitando-a duas vezes ao dia. Como médico convencional, Freud utiliza logicamente os métodos ora igualmente convencionais: receita massagens por todo o corpo, banhos quentes e de farelo (“banho emoliente com água em que se ferveu farelo de trigo” [p. 89]) e, eventualmente, choques elétricos.

Porém, ressaltamos, não se trata aqui somente de um médico comum, mas de pesquisador ousado e a par de técnicas recentes. Havia trabalhado por anos no laboratório de pesquisa de Ernest Brücke – neurocientista renomado – e participado dos seminários no Salpêtrière de Jean-Martin Charcot. Sabia do trabalho deste último em delimitar a gênese da histeria no psiquismo e de seu método terapêutico hipnótico assim como tinha também conhecimento da recente técnica de sugestão de Bernheim. Pôde, então, ser um médico comum durante a consulta matinal e, em sua segunda visita diária, lançar mão de novíssimas práticas. Pela manhã, aplicava massagens, à noite, sugestão e hipnose. À prática habitual da medicina e sua abordagem dirigida ao corpo, Freud soma métodos que permitiriam a Emmy *contar o que tinha a dizer* sobre seu sofrimento.

É nesta posição dual que o tratamento é encaminhado seguindo duas diretivas: (1) o profissional deve saber delimitar no contexto simbólico do paciente sua relação com o sintoma histérico e (2) deve quantificar esta relação para *explicar* o processo mental de sua formação e eliminação do último. Na primeira asserção, temos o quadro propriamente discursivo em que paixões entram em conflito formando um jogo pulsional, uma economia inerente ao sentido. Na segunda, temos a inferência da pulsão enquanto essência energética e ator (ou mesmo causa) dos investimentos afetivos, admitamos numa abordagem preliminar, aquém da pertinência dos discursos. Vejamos um exemplo de como Freud une tais orientações conflitantes:

A única maneira de aliviá-la era dar-lhe a oportunidade de através da fala e sob hipnose livrar-se da reminiscência específica que a estava atormentando naquele momento, junto com toda a sua carga concomitante de sentimentos e sua expressão física (Freud, 1893/1996: 101).

Na obra freudiana, não há paradoxo entre a máxima “os histéricos sofrem de reminiscências” e a suposição de uma *carga concomitante* atrelada aos sentimentos. Mesmo sem escolher explicitamente entre a posição monista, segundo a qual o sentido das reminiscências é *reduzido* a cargas energéticas, e a posição dualista, em que a linguagem e as cifras corporais atuam paralelamente, somos forçados a admitir que nos primórdios da teoria freudiana, a visada sobre o psiquismo se dá *a partir* de quantidades, mesmo quando a evidência recai sobre o sentido. Logo, as reminiscências devem ser reduzidas às excitações que incidem no sistema nervoso. A configuração desse pressuposto é-nos dada por Freud da seguinte forma:

Como explicamos na “Comunicação Preliminar” que aparece no início deste volume, consideramos os sintomas histéricos como efeitos e resíduos de excitações que atuaram sobre o sistema nervoso como traumas. Não há permanência de resíduos dessa natureza quando a excitação original é descarregada por ab-reação ou pela atividade do pensamento. Não é mais possível, a esta altura, evitar a introdução da idéia de quantidades (ainda que não mensuráveis). Devemos considerar o processo como se uma soma de excitação, atuando sobre o sistema nervoso, se transformasse em sintomas crônicos, na medida em que não fosse empregada em ações externas na proporção de sua quantidade (Freud, 1893/1996: 116).

O paradoxo da posição em questão pode ser destacada a partir das explicações que seguem a citação anterior. Impossível de observar a atuação das quantidades na gênese dos sintomas, é ao sentido que elas são explicadas por remissão: seu medo de estranhos se deve ao período em que fora perseguida pela família de seu marido; seu temor em ser enterrada viva era vinculado à crença de que seu marido não estava morto quando fora enterrado, forma pela qual expressava sua incapacidade de aceitar a morte e o fim de seu relacionamento (1893/1996: 117).

Pelas mãos de Emmy, Freud é levado a acreditar que não serão os banhos de farelo, emolções hidropáticas ou choques elétricos que permitirão dar fim ao sofrimento presente na morte de uma pessoa amada e no fim de um longo relacionamento. É necessário, isto sim, dar ouvidos aos infortúnios inevitavelmente atrelados ao campo do discurso. O estalido produzido por Emmy é a reatualização da insegurança quanto a sua capacidade de prover os cuidados necessários aos filhos que, num determinado momento, se resumia a ficar absolutamente quieta para velar o sono de seus entes queridos. Até mesmo suas dores físicas entravam no esquema de sua

psicopatologia como *símbolos mnêmicos* a serem dispostos em função de sua discursividade. As dores dizem algo e, para cessarem, devem advir à fala.

Entretanto, a formação dos saberes se dá em passos muito mais momentosos do que poderíamos desejar. No caso, não haveria como esperar de Freud a superação imediata dos obstáculos inerentes à sua formação, adentrando assim de pronto num estudo que se implicasse mais nas leis discursivas e menos nos meandros da ordem neuropsiquiátrica da qual era proveniente. Até porque, sejamos condescendentes, o evento freudiano passa ao largo do evento saussuriano do qual a lingüística atual é prioritariamente herdeira. Houvesse tal encontro, talvez não fossem necessários trabalhos como este que advoga pelo diálogo entre psicanálise e lingüística. Dessa forma, sem outro esteio mais firme, Freud rapidamente preocupa-se em reduzir a pregnância do sentido na etiologia dos sintomas histéricos e assegurar-se de bases quantitativo-energéticas para sua explicação. Há nesse ponto uma sutura do que hoje supomos encontrar uma ruptura epistemológica entre o campo do discurso e o das cifras corporais. Ao invés da pulsão semiotizada, ou seja, do estudo das implicações do sentido nos processos psíquicos, temos a conjectura de quantidades pertinentes ao sistema nervoso. O desenrolar da teoria freudiana desvinculará essas energias do sistema em questão, porém, sem nunca as desatar de origens somáticas.

Observamos também que tais imperativos se opunham às proposições mais pertinentes à clínica em relação ao que tange aos fenômenos inerentes à linguagem. Enquanto que a teoria tende a reduzir fenômenos a bases quantitativas como forma de explicação, a abordagem clínica não permite tal método. A linguagem acaba por desempenhar o papel de divisora de águas entre dois procedimentos diferentes. De um lado, a pressuposição de quantidades regendo os processos psíquicos, de outro, a consideração de experiências languageiras submetidas à intersubjetividade da comunicação. Entretanto, como foi-nos possível observar no capítulo referente aos *Estudos sobre Histeria* (1893/1996), a divisão não é estanque e, por diversas vezes, Freud busca reduzir fenômenos clínicos situados no campo da linguagem a bases quantitativas. Sobre o assunto, Green aponta que:

Aqui estamos tolhidos na continuação deste desenvolvimento na medida em que a concepção de Freud sobre o pensamento continua sendo de uma audácia e de uma modernidade espantosas, enquanto que sua concepção de linguagem, apesar de alguns aspectos fascinantes, revela bem sua época, anterior aos progressos da lingüística. Este atraso é sensível em Freud mais do que em qualquer outro domínio, quer se trate da pulsão, da representação, do investimento sobre os quais nenhuma novidade marcante nos obriga a uma recolocação em questão de tal amplitude (Green, 1982: 286).

A partir do momento em que é reconhecido o déficit entre a concepção utilizada por Freud e os avanços no estudo da linguagem por parte da lingüística, o que impediria que tais teorias travassem relações de auxílio mútuo? No caso da esfera tímica, abordada por Freud sob o prisma de pulsões e afetos, devem ser apontados os impasses epistemológicos que concepções fortemente vinculadas a cifras corporais e quantitativas impõem para tal interdisciplinaridade. Calcada em metodologias de forte ênfase estrutural e descritiva, as teorias da linguagem não se adaptam a pressuposições reducionistas e quantitativas dos estados passionais.

Além disso, a hipótese energética é erigida justamente em detrimento das relações semânticas. Explicações recorrentes na psicanálise, que se fundamentam em quantidades de energia, se opõem ao estudo das inter-relações entre os sentidos das experiências. Pode ser apontado sem maiores dificuldades o modo como definições quantitativas de pulsão têm como conseqüência a redução do semantismo de sentimentos e vivências intersubjetivas aos fluxos e refluxos de excitações, quer sejam materializadas em processos corporais, quer sejam hipotetizadas em percursos psíquicos.

NOTAS

¹ Greimas critica a psicanálise freudiana quanto às oposições entre “consciente” vs “inconsciente” (p. 190), entre “manifesto” vs “latente” (p. 98). Adiante retomamos essa crítica.

² Essa a única concessão a Lacan, criticado em outros lugares por promover na psicanálise uma “linguagem poética e ambígua, e que pode com freqüência ir até a própria hipótese da ambigüidade” (p.191). Ao que saiba, no entanto, Lacan jamais abandonou o estatuto “inconsciente” dos movimentos psíquicos do sujeito, a partir da teorização freudiana, e o conceito de “assunção” nunca vingou de maneira mais efetiva ou vigorosa em substituição ao conceito de inconsciente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREUD, S.. “Nuevas lecciones introductorias al psicoanalysis” in *Obras completas* (Vol. III). Madrid: Biblioteca Nueva, 1932/1973.

_____, S.. “Estudos sobre histeria” in *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*: edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1893/1996.

GREEN, A.. *O discurso vivo*: uma teoria psicanalítica do afeto. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora, 1982.

GREIMAS, A. J.. *Sémantique structurale*. Paris: Larousse, 1966.

BEIVIDAS, W.; RAVANELLO, T. Pulsões e suas modulações. *Revista Intercâmbio*, volume XV. São Paulo: LAEL/PUC-SP, ISSN 1806-275X, 2006.

LACAN, J.. *Problemas cruciales para el psicoanalysis. Seminario XII.* (ed. xerografada), 1964/1965.

_____, J.. *Ecrits.* Paris: Seuil, 1966.

SULLOWAY, Frank J. *Freud biologiste de l'esprit.* Paris: Fayard, 1998.